

A QUESTÃO DA AUTORIA NA ATUAL LITERATURA INFANTIL

CLÁUDIA SOFIA DE SOUSA MOTA

Palavras-chave: literatura infantil, autoria, texto, ilustração

Keywords: children's literature, authorship, text, illustration

1. Introdução

Neste artigo analiso as tendências que a literatura infantil tem manifestado recentemente em Portugal. Parto de uma breve contextualização, que apresenta, em rápidas pinceladas, o pulsar da literatura infantil face à conjuntura económica, social e tecnológica do momento presente. Depois, atendendo ao carácter multifacetado da literatura infantil atual e às inúmeras questões a ela subjacentes, pego numa das pontas do novelo e debruço-me sobre a questão da autoria, respondendo à seguinte questão: quem escreve para crianças em Portugal na atualidade? A este propósito, falo dos velhos autores, ou seja, dos de sempre e para sempre; dos novos autores, que arriscam caminhos próprios; e dos escritores para adultos que se deixam seduzir pela área infantil, tentando perceber os motivos por que tal acontece.

2. Contextualização

Vivemos numa época de profunda crise económica no nosso país mas em que, ainda assim, prolifera a edição de novas obras literárias. No final de 2010, segundo o Diretor da Editora Gradiva, publicavam-se diariamente cerca de cinquenta novas obras literárias em Portugal, sendo mais de metade de literatura infantil e juvenil. Embora os números tenham, face à crise, naturalmente descido e não sejam facultados publicamente dados atuais precisos pelas editoras nacionais, estimo, pelo elevado ritmo de novidades, que a literatura infantil hoje editada ainda ultrapasse os cinquenta por cento da edição literária total no nosso país.

Paralelamente, verifica-se agora no mercado português a oferta de cursos de Escrita Criativa para os que pretendem escrever para os mais novos, pelo que esta parece ser uma área apelativa para o público. A título de exemplo, refira-se a oferta de Cursos pela Escola de Escrita Criativa *On-line*, sendo a formação adaptada a esta faixa etária, de entre um enorme leque de opções, ministrada pela escritora Margarida Fonseca Santos. Inicialmente estes cursos apenas funcionavam em regime à distância mas agora existem também presencialmente, com a recente abertura das instalações desta escola em Lisboa, sob coordenação do seu fundador, Luís Carmelo. De referir também o Curso *Online* de Escrita Criativa para Literatura Infantil, concebido e lecionado por João de Mancelos, na UnYLEYa, do grupo editorial LeYa.

Julgo que alguns dos que frequentam estes cursos, ou que gostariam de o fazer, terão aspirações a uma carreira literária na escrita infantil, a tempo inteiro ou conciliando essa atividade com uma outra. Outros fá-lo-ão pelo prazer na escrita, pela partilha literária ou pelo gosto na formação pessoal e ocupação lúdica e cultural do seu tempo livre. De forma mais ou menos latente, o seu fascínio por esta área literária é manifesto. Todavia, há também formadores de Escrita Criativa – uma área em ascensão global em Portugal – um pouco espalhados por todo o país mas que não têm, muitos deles, qualquer formação nesse domínio e o fazem por puro (e inconsciente) amadorismo, exercitando a escrita com os seus formandos sem qualquer suporte teórico e conceptual.

Por outro lado, Reina Duarte, presidente do Conselho Catalão do Livro Infantil e Juvenil, referia em Setembro de 2012 que a edição de literatura infantil em Espanha regista um incremento anual de 5,5%, sendo um dos motores do setor editorial (1). Além disso, alerta para o excesso de oferta e para a vida curta de algum tipo de literatura, que, por falta de qualidade, tão depressa aparece nas livrarias como desaparece. A isto, junta-lhe o problema da “tirania del best-seller, como un problema que puede afectar a la formación del lector infantil” (1). Mesmo não dispondo deste tipo de dados atualizados sobre o nosso país, como atrás referi, sei que os problemas identificados não são exclusivos de Espanha e que se aplicam também à produção literária portuguesa. Em ambos os casos coexistem: obras de fraca qualidade literária (sobretudo devido à pobreza dos textos), que surgem e desaparecem subitamente; e obras de excelente qualidade, podendo mesmo falar-se, tanto aqui como em Espanha, num “auge literário infantil” (1). Este auge, pelo menos no caso português, deve-se ao aparecimento, nas últimas décadas, de propostas muito

interessantes e inovadoras tanto em termos visuais como narrativos. Veremos adiante quais os escritores a quem elas se devem.

Autores, editores, ilustradores, desenhadores gráficos, distribuidores, livreiros – todos estes agentes interagem de forma ativa num complexo mercado, em que o intuito literário se cruza e, pode, por vezes, embater nos interesses financeiros. Além disso, hoje em dia o experimentalismo impera e as artes da escrita e da imagem articulam-se com outras linguagens artísticas como a pintura, o teatro, o cinema e os trabalhos manuais, entre outras. Tudo isto prova o quanto o livro infantil se tornou um produto muito mais sofisticado do que noutros tempos, chamando a si novos tipos de profissionais. Puxam-se ao limite as materialidades da literatura infantil, tirando partido, por um lado, das fortes potencialidades da criatividade humana e, por outro, das tecnologias da informação e comunicação. Como diz Olga Maia Fontes, em “Literatura Infantil: Raízes e Definições”, referindo-se às crianças e jovens portuguesas, “este é um tempo de grande criatividade, em que têm vindo a surgir novos textos infantis e/ou juvenis, progressivamente inovadores, imaginativos e convenientemente ajustados ao que os rodeia” (6).

Neste esforço de criatividade, há a referir o enorme crescimento da edição de álbuns ilustrados. Se já em abril de 2005 Isabel Lucas publicava no *Diário de Notícias* um artigo intitulado “A explosão do livro infantil”, a dar-nos conta de que “o livro infantil nunca viveu melhores dias” (1, itálico meu), em 2011 Ana Margarida Ramos recorre ao mesmo termo na expressão: “Álbum: a explosão de um género” (“Uma década” 6, itálico meu). Esta última enfatiza o exponencial desenvolvimento, não apenas do livro infantil em geral, mas deste género em particular, que tem manifestado imensas potencialidades:

No domínio do álbum, em especial do narrativo, constata-se uma valorização crescente deste produto editorial, patente no aumento significativo de edições, tanto de obras clássicas e contemporâneas traduzidas, como de originais portuguesas. (...) Pela forma como articula texto e imagem para a construção de uma forma híbrida de narrar uma história, o álbum permite o desenvolvimento de inúmeras competências e exige dos seus leitores capacidades de observação, associação de ideias, leitura de implícitos, antecipação de possibilidades, confirmação de interpretações. (6)

A isto acresce vivermos numa fase de transição entre os formatos mais tradicionais e os mais inovadores, não se sobrepondo estes nem se auto-excluindo, antes abrindo uma mão cheia de novas potencialidade para o universo infantil. O digital coexiste com o formato em papel, que continua

a ter uma função importante no seu manuseio pelas crianças. Os livros digitais, de preferência com animações, deslumbram a pequenada, que, ainda assim, tem muito tempo e espaço na sua vida para se deixar seduzir pelos livros em papel. Os *I-pads*, *I-pods*, *I-phones* e todo o tipo de dispositivos coabitam com os audiolivros e os livros multiformato (para públicos especiais, como invisuais, surdos, etc.).

A este propósito, quero destacar o livro *O Som das Cores* (2012), o primeiro de uma coleção que se autodesigna como um hino à inclusão e que foi batizada de *Mãos de Encantar*, de Paula Teixeira. Nas ilustrações, as personagens comunicam por língua gestual e a obra inclui também o abecedário em braille. Do projeto desta obra faz também parte o vídeo da música original, construída a partir da história, sendo este disponibilizado em DVD. Funciona como audiolivro, sendo a narração igualmente feita em língua gestual portuguesa.

Hoje as tecnologias são como que um prolongamento de nós próprios, por estarmos tão familiarizados com elas no dia-a-dia. Na vertente do digital, de referir que José Jorge Letria e André Letria lançaram no ano passado, através da editora Pato Lógico, a versão para *I-pad* de *Estrambólicos* (2011) e *De caras* (2011), explorando cada vez mais o leque de significados das novas linguagens e cruzando caminhos de modernidade. Todavia, as experiências virtuais de leitura em sala de aula ou na biblioteca escolar não retiram a validade à partilha oral e coletiva de uma história infantil, que pode abrir um debate útil sobre as mais diversas facetas da vida humana. *Coexistência* de suportes e possibilidades – e não substituição – é, a meu ver, a palavra de ordem, o que torna o universo literário infantil cada vez mais difuso e fragmentado mas também mais multifacetado e criativo.

Hoje a leitura, tanto para crianças como para adultos, torna-se cada vez mais multimodal, multissensorial e hipertextual, sendo este um assunto em debate. Lemos, ao mesmo tempo, palavras, imagens e sons e fazemo-lo com todos os sentidos, saltando de texto para texto e de suporte para suporte sem qualquer problema. Esta complexidade de suportes e formatos faz com que a leitura – também ela cada vez mais complexa, dado que a velocidade de acesso à informação está a mudar os nossos processos cognitivos – se torne mais vital, mais rápida, mais fragmentada, mais visual mas também, cada vez mais, um ato social. Torna-se ainda, em muitos casos, menos aprofundada, tal é a nossa incapacidade para absorver a informação em catadupa que nos chega a todo o instante.

Na realidade, a palavra escrita está agora muito mais presente na sociedade portuguesa do que há vinte anos; as barreiras que separavam os

produtores e os consumidores da informação são cada vez mais ténues; autores e leitores estão gradualmente mais próximos, podendo mesmo (e cada vez mais) interagir em encontros presenciais e no espaço virtual; a proximidade entre uma biblioteca dinâmica e uma boa livraria é já menor, confundindo-se pontualmente os seus papéis, ao promoverem ambas uma dinamização efervescente da leitura infantil coletiva.

Para a promoção da leitura infantil muito têm contribuído o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares, que são uma acha que veio incendiar muitas fogueiras nas escolas públicas, nalgumas das quais estão a ser implementados os chamados projetos aLer+, que visam estimular os hábitos leitores em toda a comunidade educativa. Com este e outros estímulos, os pais mostram-se mais sensíveis à importância da leitura para o rendimento escolar dos filhos e para a aquisição de parâmetros de literacia aceitáveis a médio e longo prazo. Assim, procuram visitar as bibliotecas escolares e/ou públicas, bem como adquirir obras literárias infantis, poupando, tanto quanto possível, os filhos às contingências da crise. As enormes campanhas promocionais nas grandes editoras e livrarias (que levam à ruína as mais pequenas), a melhor relação entre preço e qualidade do livro infantil, o dinamismo editorial do setor, o estímulo à leitura nas instituições educativas, a criação de excelentes obras por autores portugueses, tanto em termos de texto como até (mais) de ilustração – todos estes fatores contribuem, à sua maneira, para a imagem de um universo literário infantil extremamente dinâmico, produtivo e moderno, que em nada fica atrás do de outros países.

3. Os velhos escritores de literatura infantil

“Compor livros para crianças faria rir Lisboa inteira.”
(Queirós)

Longe vão os tempos em que Eça de Queirós comentava, em tom irónico e caricatural, os primeiros e, para ele, inconsistentes e desprezíveis esforços de alguns escritores portugueses, seus contemporâneos, para criar uma literatura infantil nacional por volta de 1800. A sua opinião a este propósito não mudou ao longo da sua vida mas é inegável que, desde então, a literatura infantil em Portugal sofreu profundas transformações. Ficou, em certas épocas, muito aquém do que se fazia lá fora, tanto em termos de alcance e abertura temáticos como no que diz respeito à criação/apresentação do livro como objeto estético e artístico. Porém, se nos anos 70 do século passado, a escrita para os mais novos ainda era

vulgarmente considerada uma “arte menor”, ao ser comparada com a escrita canónica para adultos, julgo que hoje há um maior reconhecimento público do valor deste tipo de escrita.

Ainda assim, em torno desta questão as opiniões continuam a não ser unânimes. Matilde Rosa Araújo, em entrevista de 1992, afirmava que a literatura infantil já tinha deixado de ser discriminada ou considerada uma arte menor e que os jovens do século XXI continuariam a gostar de ler e, segundo ela, de o fazer em papel, sobretudo pela estreita relação de afetividade que constroem com o objeto-livro:

Acredito muito, mesmo muito, na afetividade intrínseca dos jovens e essa afetividade não vai dispensar o livro, esse pacto livro/leitor que tem privilégios: um deles, não o menor, o privilégio do silêncio. E o privilégio da disponibilidade, do respeito mútuo que o livro/leitor representa. E um livro como que tem uma pele, a capa, o papel; o livro envelhece e até fica com a palidez dos rostos velhos e enrugados. **Mas se nasceu para dizer, diz sempre.** (*apud* Letria 148, negrito meu)

Ao humanizar o livro nesta citação, Matilde Rosa Araújo como que justifica porque é que, num universo infantil sempre novo e renovado, se continuam a ler as descrições das paisagens marinhas de Sophia de Mello Breyner com o mesmo interesse de antigamente; porque continua a ser apelativo para muitos jovens o intrigante título da obra *Chocolate à Chuva* de Alice Vieira e por que muitos deles lêem ainda de um fôlego os dois primeiros parágrafos da obra, em que acompanham a protagonista nos preparativos frenéticos para a viagem de férias.

Será também de ponderar quais os mecanismos de escrita utilizados por António Torrado, mais ou menos conscientemente, para fazer com que, findos mais de quarenta anos de carreira dedicados aos leitores mais novos, os olhos dos miúdos continuem a brilhar quando se lê um dos seus contos em voz alta. Convirá, a este propósito, salientar que ele foi um dos autores que deu os primeiros passos no digital, mais concretamente em 2003, com a chamada “História do Dia”, que miúdos e graúdos acompanhavam de forma expectante no respetivo sítio eletrónico.

Por isso, os velhos escritores de hoje são os de ontem e os de sempre: Sophia de Mello Breyner, Aquilino Ribeiro, Matilde Rosa Araújo, Alice Vieira ou Manuel António Pina, para citar apenas alguns. Quanto a este último, é até natural que se redescubra agora a sua obra literária, nomeadamente em contexto escolar e académico, o que tantas vezes acontece na sequência do desaparecimento de um/a escritor/a. Por outro lado, está a ser alvo de algumas reedições (designadamente pela editora

Assírio & Alvim) e de muitas homenagens, tanto na imprensa como em eventos literários.

Vivos e bem ativos estão dois dos grandes ícones da literatura infantil, que continuam a ser muito apreciados pelos jovens leitores a cada obra que publicam. Refiro-me a Luísa Ducla Soares e ao próprio António Torrado. A eles, entre outros autores, se deve a profícua recolha do património tradicional (oral) e a sua integração/fixação na literatura infantil portuguesa, que, por isso, resultou mais rica e enraizada.

Curiosamente, Luísa Ducla Soares e António Torrado, juntos e à conversa perante uma grande e entusiasta plateia no IX Encontro de Literatura Infanto-Juvenil de Pombal, intitulado: “Caminhos de Leitura”, em maio de 2011, foram de opinião que a escrita e os escritores para crianças continuam a não ser devidamente valorizados. Nessa ocasião, a escritora dizia que há quem continue a considerar a literatura infantil, os policiais e a ficção científica, parentes pobres da literatura, apesar de haver grandes escritores nacionais em todos esses campos. Por sua vez, António Torrado afirmava que há um respeito crescente pelos escritores de literatura infantil mas que ainda não são equiparados aos de literatura para adultos.

Dois anos volvidos, este contador de histórias nato, com mais de 140 livros publicados, confessava em março de 2012, em entrevista a propósito da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, que o escritor de livros para crianças hoje em dia:

tem mais idoneidade mas mesmo assim não terá o reconhecimento idêntico ao que tem o escritor exclusivamente de livros para adultos. (...) Quando um escritor de livros para adultos conhecido, classificado dentro da categoria de escritor de livros para adultos... escritor... publica um livro para crianças é, de alguma forma, notícia, mas se um escritor com reputação... um escritor já formado há muitos anos... escritor de livros para crianças também desvia da sua rota normal e inflete no sentido do livro para adultos (...) não é reparado o facto e isto dá conta de que há uma diferença de bitola de um caso para o outro... mas não é grave, isso não é grave (“Entrevista”).

Grave ou não, pegando na deixa de António Torrado, é um facto que hoje a questão da autoria em matéria de literatura infantil é bem mais complexa do que dantes. Talvez por isso ele prefira ser apelidado de escritor do que de autor. É que, presentemente, no que diz respeito sobretudo aos álbuns ou livros ilustrados, a autoria é repartida entre escritor e ilustrador, dado o peso crescente da linguagem visual. Assim, texto e ilustração conjugam-se como peças do mesmo puzzle, exercendo

esta última, em relação ao primeiro, funções de amplificação, complemento e contraponto. Estes termos são utilizados por Maria Nikolajeva e Carole Scott em “The Dynamics of Picturebook Communication”, um artigo cuja leitura recomendo.

Por isso, quando se diz que estamos num período áureo de literatura infantil, devemos-lo não apenas a excelentes escritores como os que tenho vindo a referir mas também a ilustradores de reconhecido mérito. Daí que o trabalho de escritores de renome, como o de António Torrado e Luísa Ducla Soares – que têm sabido consolidar a sua carreira literária nos últimos anos, saia enobrecido, em cada obra, pela inclusão de ilustrações de reconhecida qualidade. Atrevo-me até a dizer que estamos numa era de maior fertilidade a nível da ilustração do que da escrita criativa. Cada ilustrador procura encontrar o estilo próprio e dotar os seus trabalhos de um cunho particular, o que tem sido conseguido das mais variadas e criativas formas. Gémeo Luís, por exemplo, manifesta um estilo inconfundível que imprime à ilustração e que esta, por arrastamento, imprime à obra literária.

Quanto à Feira do Livro Infantil de Bolonha 2012, em que António Torrado marcou presença como convidado no “Café dos Autores” (mas que ele já visitava nas décadas de 1970 e 80 como editor), refira-se a forte presença de Portugal, apesar da fraca cobertura noticiosa. Neste evento foram apresentados cem títulos editados no nosso país entre 2010 e 2012, onde figuravam maioritariamente álbuns, dados o ímpeto do género e a representatividade da ilustração nacional na edição da feira desse ano. É curioso o facto de, na listagem de títulos apresentados, constar primeiro o nome do ilustrador e só depois o do escritor, o que, sendo inédito, reforça a importância dada ao primeiro. Na verdade, foram vinte e cinco os ilustradores portugueses que aí integraram a Mostra de Ilustração com o título “Como as cerejas”, sendo Portugal o convidado de honra. Entre os ilustradores presentes contavam-se Danuta Wojciechowska, Cristina Valadas, Marta Torrão, Teresa Lima, André Letria, Yara Kono, Bernardo Carvalho e Madalena Matoso.

De António Torrado foram promovidas na Feira Internacional de Bolonha as obras *Gonçalo e a bicharada e outra história* (2012), com ilustrações de Catarina Correia Marques, da Editora Civilização; *O contagotas* (2010), com ilustrações de Gémeo Luís, Edições Eterogémeas; e *E vão três* (2011), com ilustrações de Sandra Abafa, Edições Soregra. De Luísa Ducla Soares estiveram em destaque: *O meu primeiro Eça de Queirós* (2011), com ilustrações de Fátima Afonso, Editora Dom Quixote; *Um gato tem sete vidas* (2011), com ilustrações de Francisco Cunha,

Civilização e *Um Menino chamado Armando* (2011), ilustrado por Raffaello Bergonse, também da editora Civilização. Quero com isto mostrar o quanto estes dois escritores têm mantido a capacidade produtiva e têm sabido acompanhar a mudança dos tempos, adaptando(-se) a sua escrita a diferentes estilos de ilustração. Se tiveram a sorte de viver num Portugal passado em que eram ainda poucos os que se dedicavam à escrita infantil (pelo que talvez tenham estado no sítio certo na hora certa), é indubitável o seu talento literário. Na verdade, têm sabido construir uma carreira sólida, baseada numa escrita de qualidade, na segurança com que têm palmilhado os mais diferentes temas e no modo natural como saltitam entre texto narrativo, poético e dramático.

Não é certamente por acaso que estes e outros grandes vultos da literatura infantil sempre tiveram carreiras profissionais ligadas, de uma forma ou de outra, às Letras, por via do jornalismo, da tradução, da edição, da dramaturgia, ou mesmo do ensino. A este propósito, refiram-se os nomes de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com uma longa carreira de escrita muito associada à recuperação de episódios históricos, aliando-lhes uma componente de aventura e mistério, que faz o leitor infantil e/ou juvenil mergulhar de bom grado no emaranhado de peripécias gradualmente descobertas. É notório que, ainda hoje, a coleção *Uma aventura* (com o concurso anual a ela associado) conquista leitores assíduos nas bibliotecas escolares, o que penso dever-se ao carácter intemporal das aventuras retratadas. E, todavia, a par da reedição de coleções como *As Gémeas* ou *O Colégio das Quatro Torres* de Enid Blyton, agora traduzidas de uma forma mais solta e moderna do que outrora, há hoje uma proliferação de novas coleções dirigidas aos mais novos, tanto de autores portugueses como estrangeiros.

A este propósito, quero salientar a produção literária de Álvaro de Magalhães, que, a par de muitas outras obras, se notabilizou através da coleção juvenil *Triângulo Jota*. Mais recentemente atingiu um enorme sucesso editorial com duas coleções que fazem as delícias dos mais novos: as *Crónicas do Vampiro Valentim*, complementada com as *Novas Crónicas do Vampiro Valentim*. A estas juntou-se a novíssima coleção *Lucas Scarpone*, “um mundo de gatos evoluídos e humanizados, que é uma réplica da Terra” (Azeredo 1). Estas coleções têm contado com as ilustrações de Carlos J. Campos, que também já tentou a sua sorte na escrita infantil.

Álvaro de Magalhães conta já com 32 anos de carreira literária, sendo de salientar que:

o sonho, a metamorfose, a crítica social e a descoberta individual e do mundo por parte das personagens frequentemente excepcionais pontuam, de modo original, os seus textos. Nestes, é frequente a infância surgir conotada com o espírito de descoberta, o desejo de mudança, a ânsia de superar a inadaptação. (Silva 2)

Em meu entender, partilha com António Mota – outro escritor da velha geração sobejamente conhecido – o humor, a ironia e o tom coloquial recorrente nas suas obras. António Mota, por sua vez, começou por conciliar a lecionação no ensino básico com a escrita infantil, comprovando que se escreve melhor sobre o que/quem se conhece melhor, ou, nas palavras de Rui Zink, “só se consegue imaginar a partir do que se conhece” (*apud* Lucas 2). Porém, não é apenas a escrita simples e descontraída de António Mota, que saltita entre o narrativo e o poético, que é cativante para os miúdos mas também a sua atitude de simplicidade e simpatia nas múltiplas visitas que faz às escolas. Obras recentes deste autor são: *Pinguim* (2010), com ilustrações de Alberto Faria, *Sal, sapo, sardinha* (2010), com ilustrações de Carla Nazareth e *O Primeiro Dia de Escola* (2011), ilustrado por Paulo Galindro.

Mas falar de literatura infantil é também, e muito, falar de José Jorge Letria. Com uma fértil produção infantil ao longo de várias décadas, é um autor marcante e muito crítico em relação ao panorama nacional. Extremamente interventivo desde as décadas de sessenta e setenta do século passado, ele é também jornalista, cantor de intervenção e músico, empenhando-se profundamente no debate político e cultural em torno dos destinos do país. A sua escrita versa diversas facetas de Portugal no passado e presente, trazendo episódios como a Implantação da República, a chegada dos portugueses ao Brasil ou a Revolução dos Cravos ao conhecimento (e comprometimento) dos mais novos, porque a História também é deles e para eles.

4. Os novos escritores e a procura de uma imagem de marca

Até aqui relembrei alguns dos grandes nomes da literatura infantil contemporânea, deixando de fora muitos outros com largos anos de escrita e um mérito publicamente reconhecido, como Alexandre Honrado, Margarida Fonseca Santos, Eugénio Roda, Luísa Dacosta, entre outros. Mais do que referi-los a todos, o que pretendi foi salientar que o segredo do seu sucesso está na capacidade de manter uma escrita de qualidade sobre os mais diversos temas, que continue a agarrar os mais novos e que vá desde a recuperação e adaptação moderna de contos tradicionais até à criação de personagens inovadoras. Tudo isto, numa literatura

tendencialmente menos fantasiosa e mais realista, que foque a atenção dos mais novos nos problemas individuais e sociais quotidianos, ou, por outra, que explore um “lugar literário dominado pela ficcionalização de temáticas próximas do registo existencialista” (Silva 1).

A esta linha de continuidade e na aposta em nomes sobejamente conhecidos se deve muito do sucesso editorial, pois muitas editoras continuam a privilegiar autores que lhes dêem garantias de vendas e pouco arriscam em novos talentos. Tal é compreensível face aos elevados custos da edição infantil mas faz com que outros escritores, com um enorme potencial, não cheguem a singrar. Além disso, autores sobejamente conhecidos também têm obras mais fracas, pelo que a imediata associação da obra ao nome do autor nem sempre é garantia de qualidade do texto.

Voltando à tal “tirania do *best-seller*” (Duarte 1), opta-se igualmente pela tradução de obras já consagradas internacionalmente, não se dando oportunidades paralelas a novos autores portugueses. Daí que as traduções sejam uma constante, pois obras de Shel Silverstein, Max Velthuijs, Davide Cali ou Gianni Rodari são, por norma, boas fontes de receita. Não quero com isto dizer que as traduções sejam algo negativo, muito pelo contrário, desde que simultaneamente se aposte em novos talentos nacionais. A título exemplificativo, refiro aqui interessantes traduções recentes: de Becky Bloom e Pascal Biet (2011), *Um Lobo Culto*, Editora Gato na Lua; de Shel Silverstein (2010), *Quem quer um rinoceronte barato*, Bruaá e de David Cali e Marco Somá (2012), *A Rainha das Rãs não pode molhar os pés*, também da editora Bruaá.

Chamo a esta segunda geração de escritores de literatura infantil os novos escritores, apesar de alguns já não serem assim tão jovens e outros, não obstante a tenra idade, terem já uma experiência de escrita considerável. Estes enfrentam mais duramente a competitividade da edição infantil, que, quer se goste quer não, é uma indústria. Nuno Seabra Lopes escreve de uma forma muito inteligente sobre o “binómio economia/cultura” que se estabelece em matéria de edição, pois por muita paixão literária que exista da parte dos escritores (e também de alguns editores), a atividade editorial não pode deixar de ser encarada com um negócio. No artigo “Sobre editores, uma visão para autores”, diz ele: “Gostaria, neste texto, de destacar que, quando se fala de edição, e apesar de se trabalhar eminentemente com uma matéria-prima cultural e/ou informacional, estamos a falar de uma indústria” (1).

Por isso, a principal característica dos novos escritores tem de ser a *versatilidade*. Pautam-se precisamente pela polivalência, carácter arrojado e espírito de independência. São pessoas multiatuantes, a quem não basta

escrever, pois desdobram-se em atividades literárias e educativas, divulgam diretamente as suas obras, participam em debates e feiras do setor, visitam escolas, bibliotecas e livrarias, planeiam as próprias edições, numa parafernália de funções diversas.

Problematizando as fronteiras entre escrita e edição (ou, numa visão extremista, entre paixão e indústria), João Manuel Ribeiro e Isabel Minhós Martins são, para além de escritores, editores. Tratar-se-á de um fenómeno natural, uma exigência de sobrevivência ou o sinónimo de maior liberdade? Talvez os três aspetos se conjuguem, se pensarmos que muitos atores passam também pela encenação, produção ou gestão de companhias teatrais. Na realidade, Isabel Minhós Martins, em parceria com os ilustradores Madalena Matoso e Bernardo Carvalho formam o núcleo duro da Editora Planeta Tangerina, o que também demonstra que hoje se aposta cada vez mais nas afinidades artísticas entre autores, leia-se, escritores e ilustradores. Juntos reforçam o carácter *interartes* da atual literatura infantil, sendo os próprios ilustradores igualmente versáteis. Veja-se o exemplo de Henrique Cayatte e João Vaz de Carvalho, cujo trabalho se estende à conceção gráfica e à pintura; de José Miguel Ribeiro, também realizador de cinema de animação já premiado; ou de João Fazenda, Gonçalo Viana e André da Loba, que repartem o seu trabalho entre a ilustração para a infância e o desenho de imprensa, maioritariamente em produções de cariz internacional.

A este propósito, há a assinalar, desde a primeira década deste século, a criação de várias editoras, de pequena ou média dimensão, exclusivamente especializadas em literatura infantil. Este surgimento vem confirmar o apelo empresarial que este setor tem suscitado, nomeadamente através de novos projetos independentes. Assim, a par dos grandes grupos económicos como a Porto Editora ou o Grupo LeYa (que reúne a Caminho, D. Quixote, Gailivro, Texto, Novagaia ou Oficina do Livro, há muitos anos a publicar livros infantis e juvenis), têm gradualmente surgido outras editoras que procuram afirmar-se pelo carácter inovador e especializado. São elas, entre outras: Planeta Tangerina, Bruaá, Trinta por uma Linha, Edições Eterogémeas, Pato Lógico, Gatafunho, Gato na Lua, Tcharan e Bags of Books. Move-as o interesse comum em marcar a diferença e resultam, em vários casos, da união de esforços dos próprios escritores e/ou ilustradores, dando oportunidade a novos talentos de singrarem. Têm normalmente um estilo próprio e distintivo, o que é notório, por exemplo, no caso da Planeta Tangerina, cujas publicações têm já contado com vários prémios e representações de cariz internacional.

Trazendo outros autores estrangeiros ao conhecimento do público infantil português, não posso igualmente esquecer a implantação em Portugal das editoras galegas Kalandraka e OQO, que desenvolvem projetos simultaneamente em papel e em digital, com experiências de trabalho junto de crianças e escolas. Estas editoras apostam também nas ações de formação para mediadores de leitura, tanto no campo da narrativa como da ilustração, disponibilizando materiais de apoio originais nos respetivos sítios eletrónicos. Incontestável é o facto de as suas obras se pautarem por exigentes padrões de qualidade, fazendo de cada livro um objeto estético singular, fruto de um consciente e maturado trabalho de cruzamento entre artes visuais e literária.

Voltando aos novos escritores portugueses de literatura infantil, devo citar nomes como os de Rita Taborde Duarte (muitas vezes em parceria com Luís Henriques), David Machado, Tiago Salgueiro e Afonso Cruz. Detenho-me agora em Afonso Cruz, cuja escrita, tanto para adultos como para os mais novos, tem sido uma revelação. Reconhecidamente versátil, tanto é escritor como ilustrador, para além de músico e realizador de filmes de animação. Ilustrou, por exemplo, de José Jorge Letria (2010), *O alfabeto do corpo humano*, e de Rosário Alçada Araújo (2010), *As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da Senhora Adriana*. Para ele, ilustrar para crianças não é diferente de ilustrar para adultos e, talvez por isso, se mova à vontade nos dois domínios. Já como escritor para adultos (embora a obra também inclua algumas ilustrações de sua autoria), Afonso Cruz foi um dos doze vencedores do Prémio da União Europeia de Literatura 2012 com *A Boneca de Kokoschka* (2010), o que lhe dá prioridade, bem como aos restantes premiados, para verem as suas obras traduzidas em várias línguas.

Atentemos no álbum de Afonso Cruz de 2010, *A Contradição Humana*. De forma *sui generis*, o autor, tanto através da escrita como da ilustração, explora as contradições do ser humano nas suas facetas quotidianas e põe o leitor a pensar: nas relações humanas, no confronto entre o individual e o coletivo, na necessidade de liberdade dos animais, na solidão de alguém rodeado de gente, no (des)interesse pela vida alheia ou pela própria família, no efeito de um espelho ou na simples alegria de um vizinho que, para além de ter “uns cabelos despenteados e uns dedos mais compridos do que aulas de Matemática”, “toca músicas tristes e isso deixa-o feliz” (8). Num estilo de escrita aparentemente simples e “com o devido espírito de contradição” (capa), o autor detém-se sobre gestos banais de pessoas banais, mas cujo significado os transcende. No fundo, trata-se de um texto extremamente filosófico e metafórico, que faz questionar certos

traços da conduta humana, pejada das maiores e, por vezes, invisíveis contradições.

A isto, junta-se todo o trabalho estético de construção do livro em tons de vermelho, branco e preto, com tipos de letra diversificados, desenhados à mão, mas imitando as fontes caligráficas digitais. Sem dúvida um autor promissor, Afonso Cruz cria uma obra que funciona como um todo coeso e acabado mas que respira para além do dito e do desenhado. Por isso, é um dos melhores exemplos destes novos escritores, que conquistam o seu espaço a custo de um trabalho bem arquitetado, inteligente, original e não sem uma pitada de humor.

Além disso, é graças a escritores como este, que marcam posição não apenas cá mas também além-fronteiras, que se consegue uma maior – embora ainda insuficiente – atenção editorial externa para o livro infantil nacional. Ora, se, por um lado, esta é benéfica, por outro lado lida-se hoje com a outra face da mesma moeda, pois muitos por cá acham que podem/sabem escrever literatura em geral e para crianças em particular. São inúmeros os que pensam que, pela contingência de espaço e menor desenvolvimento narrativo, a escrita para crianças é a forma ideal para iniciarem uma pseudo-carreira literária. Porém, escrever para crianças não é mais fácil do que escrever para adultos, como refere Rui Zink, que salienta o imenso respeito que as crianças merecem:

Deve escrever-se para os mais novos com o mesmo respeito com que se escreve para os adultos. (...) Merecem os melhores textos que é possível fazer e, apesar de [dominarem] um vocabulário menos vasto do que o de um adulto erudito, eles têm o direito de não serem tomados como tolos. (...) Tal como nós, adultos, as crianças conhecem o horror, o riso, e sabem que a vida tem disso tudo. O que nos autoriza ou desautoriza é o modo como dizemos o que dizemos. (7-8)

Na verdade, o mercado está repleto de más obras infantis, com textos paupérrimos e ilustrações de péssima qualidade, que aparecem inesperadamente no mercado e desaparecem logo de seguida, sem deixar rasto. Outras obras apresentam uma qualidade mediana mas o excesso de oferta leva muitas vezes à primazia do visual em detrimento de uma narrativa fecunda. Porém, um livro visualmente interessante não pode subsistir no mercado muito tempo se não tiver por detrás/em paralelo uma história sólida e habilmente construída e contada.

Para algumas pessoas, também pela facilidade técnica com que hoje se pode editar, ver um livro seu comercializado, mesmo que em tiragens diminutas, é um motivo de orgulho, quase que um capricho. Além disso, qualquer tipografia, com os mínimos meios técnicos, consegue colocar cá

fora uma fraca edição, comercializada por distribuidores e livreiros igualmente desconhecedores de critérios de qualidade e rigor em matéria de edição infantil. Esta tendência é mesmo acentuada pela chamada “edição de autor”. Esta é uma boa opção para um escritor anónimo se lançar no mercado mas é preciso que esteja ciente que, a par da inspiração, há todo um talento, rigor, esforço, dedicação e trabalho de revisão que a escrita lhe vai exigir. Tal é reiterado por João de Mancelos:

Rever um texto literário é parte essencial do ofício de um escritor. Só um amador demasiado confiante acreditaria que o resultado da inspiração é o produto *final*, a manter sem qualquer correcção, digno de ser esculpido numa pedra de mármore. (112-113)

Porque afinal escrever, seja para adultos ou para crianças, é uma arte mas também uma técnica e ambas se aperfeiçoam: “Inspiration and energy and even genius are rarely enough to make art: for prose fiction is also a craft, and craft must be learned, whether by accident or design” (Oates 150).

5. Quando os escritores de literatura para adultos escrevem para crianças

“A identidade não existe, é uma procura infinita.”
(Couto, “Escrita”)

A literatura espelha, ela própria, a procura de uma voz, de uma identidade e, talvez por isso, a identidade de um escritor nunca esteja plenamente definida, melhor, seja algo em permanente construção. Não é por acaso que escolho esta frase de Mia Couto para iniciar esta última parte do artigo. Na verdade, ele também se rendeu aos prazeres da escrita para os mais novos, nomeadamente com *O Gato e o Escuro* (2001), com ilustrações de Danuta Wojciechowska. Nesta obra, que fala sobre o sonho, o medo, o amor maternal e a metamorfose, Mia Couto mantém a linguagem extremamente rica e metafórica que o caracteriza na escrita para adultos, senão note-se:

“Só quando desaguou [o Pintalgato] na outra margem do tempo ele ousou despersianar os olhos. (...) Quanto olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam encherem de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar de pupilas.” (13, 23)

Também Eugénio de Andrade, Agustina Bessa Luís, José Saramago, Rui Zink, Sérgio Godinho, Mário de Carvalho, Vasco Graça Moura, Inês

Pedrosa, Eduardo Agualusa, António Lobo Antunes, Clara Pinto Correia, Miguel Sousa Tavares e Lídia Jorge não resistiram a experimentar o registo infantil e/ou juvenil. O facto de haver muitos autores nestas circunstâncias permite relançar o debate em torno da literatura infantil: em que consiste, porque é apelativa, qual a pertinência (ou não) das suas fronteiras. Há obras rotuladas como literatura infantil que ultrapassam essa barreira e possibilitam inúmeras leituras. Tornam-se objetos éticos e esteticamente questionadores, de que, em meu entender, a obra de Shel Silverstein, *A árvore generosa* (2008), é exemplar. Por vezes, são os próprios autores os primeiros a sentir dúvidas quanto ao rigor e pertinência destas divisões etárias logo artificiais.

Na minha opinião, um bom livro para crianças é sempre um bom livro para adultos, na medida em que lança achas para a fogueira do debate e reflexão sobre questões existenciais, afetivas, educativas ou outras, que não se restringem ao universo das crianças mas são, no fundo, as preocupações gerais do ser humano. Aos poucos, a tendência é mesmo para se esbaterem as fronteiras/barreiras entre o que é literatura para crianças e literatura para adultos. Tal é elucidado por Ana Margarida Ramos, em *Livros de Palmo e Meio: Reflexões sobre Literatura para a Infância*, uma obra em que é problematizada a divisão literária em função da faixa etária, tantas vezes assente, não em factores intrinsecamente literários, mas antes externos e comerciais (68-69). Aí é dado especial destaque, no âmbito da problematização de fronteiras, ao caso da obra infantil *O Homem Que Engoliu a Lua* de Mário de Carvalho (2003), que em 1981 havia sido inserida na coletânea para adultos *Casos do Beco das Sardinheiras*. Na versão infantil, o conto surge sem alterações substanciais do texto em si mas sendo este expandido/complementado com as ilustrações de Pierre Pratt. Por isso, Cláudia Campos está certa quando afirma:

À procura dos leitores perdidos, os textos para crianças expandem-se em tantas direcções que o rótulo 'Literatura Infantil' se rompe, insuficiente para cobrir um grande número de produtos, às vezes não tão infantis, às vezes distantes dos conceitos correntes de 'literatura'. Também a figura do escritor transborda contornos. (85)

De publicação recente por escritores que habitualmente se associam ao público adulto são os álbuns *Romance do grande Gastão* (2010) de Lídia Jorge, com ilustrações de Danuta Wojciechowska; *Hugo e Eu e as Mangas de Marte* (2011) de Richard Zimler, com ilustrações de Bernardo Carvalho; e *As mais belas coisas do mundo* (2010) de Valter Hugo Mãe,

ilustrado por Paulo Sérgio Beju. Por detrás da sedução que estes escritores sentiram pelo público infantil, talvez esteja o recuo mental à própria infância, a prosperidade da literatura infantil só por si, o apelo pela dimensão pedagógica e literária que os textos infantis abrem, a rendição às inúmeras possibilidades de sentido do álbum ilustrado, o gosto pelo risco e pela mudança, ou a busca de um leitor tendencialmente mais espontâneo (mas não menos exigente) nas suas reações de agrado ou desagrado perante uma obra literária.

Segundo José Eduardo Agualusa,

escrever para crianças é um desafio maior. Há a responsabilidade de seduzir novos leitores. Outra coisa apaixonante é a possibilidade de regressar à infância, reaprender a olhar para as coisas de uma forma que já esquecemos. É um olhar renovado. (*apud* Lucas 2).

Ora, as motivações serão, certamente, diversificadas, não estando ausente o facto de ser uma literatura que atualmente se vende mais. Seja como for, é indubitável que “estas produções, cujo número e importância têm vindo a aumentar, motivam, inclusivamente, uma reflexão cada vez mais atenta e aprofundada sobre as questões da Literatura Infantil” (Ramos, *Livros* 67-68) e deviam suscitar-lo ainda mais.

Por último, atente-se no caso recente de José Luís Peixoto com a obra *A Mãe Que Chovia* (2012), com ilustrações ímpares de Daniel Silvestre da Silva. O traço realista das ilustrações – em que a imagem é trabalhada ao mais ínfimo pormenor, numa quase fusão de pintura e fotografia, mas sem a presença de tons vivos – cativará eventualmente, num primeiro olhar, mais os graúdos do que os miúdos. Depois, o texto é todo ele poético e metafórico, como facilmente se constata numa das frases citadas na contracapa, a saber: “Mãe, choves o significado do teu nome sobre a terra, choves amor”. Aí é claramente assumido tratar-se de uma obra infantil: “O protagonista do primeiro *livro infantil* de José Luís Peixoto é filho da chuva” (itálico meu).

Porém, será esta obra *assim tão* infantil, melhor, será esta obra *apenas* infantil? Por certo que as crianças apreciarão nela a forte presença da natureza e o protagonismo de uma criança, cujo crescimento o leitor vai acompanhando. Dela ficam a conhecer momentos de grande felicidade e outros de profunda solidão, bem como as brincadeiras e peripécias que a envolvem... a si e à sua mãe. Já os adultos encontrarão na obra uma reflexão sobre o que é amar a Terra, dar vida a uma criança, (ver) crescer, educar, conciliar trabalho, família e lazer. Espelho da necessária problematização em torno das fronteiras etárias em literatura, esta obra de

José Luís Peixoto suscita, em meu entender, diferentes níveis de leitura, consoante a maturidade do leitor e o respetivo grau de compreensão da profundidade textual e visual. Por último, prova o quanto a literatura infantil se tem tornado, nos últimos anos, um produto mais criativo e sofisticado.

Bibliografia:

- Azeredo, Rui. “Álvaro Magalhães criou nova série juvenil – Lucas Scarpone”, Visitado: 05 jan. 2013. <http://portalivros.wordpress.com/2012/10/15/alvaro-magalhaes-criou-nova-serie-juvenil-lucas-scarpone/>.
- Campos, Cláudia Arruda. “Prosas e Narrativas: Ruth Rocha e Maria Heloísa Penteado”. Visitado: 23 nov. 2012. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p085-090_c.pdf.
- Couto, Mia. “Escrita Desarrumada”. *Folha de S. Paulo* (novembro 1998).
- Couto, Mia, e Danuta Wojciechowska. *O Gato e o Escuro*. Alfragide: Caminho, 2001.
- Cruz, Afonso. *A Contradição Humana*. Alfragide: Caminho, 2010.
- Duarte, Reina. “La ‘vida corta’ de la literatura infantil”. Visitado: 15 nov. 2012. <http://www.boolino.com.es>.
- “Entrevista a António Torrado e José Oliveira”. Visitado: 15 nov. 2012. <http://www.portugalbologna2012.com> (sem indicação de autoria)
- Fontes, Olga Maia. “Literatura Infantil: Raízes e Definições.” *Cadernos de Estudo 14*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: 1-7.
- Letria, José Jorge. *Conversas com Letras*. Lisboa: Editorial Escritor, 1995.
- Lopes, Nuno Seabra. “Sobre editores, uma visão para autores”. Visitado: 23 nov. 2012. <http://edicaoexclusiva.blogspot.pt/2012/11/sobre-autores-e-livros-uma-visao.html>.
- Lucas, Isabel. “A Explosão do Livro Infantil”. *Diário de Notícias* (02 abril 2005).
- Mancelos, João de. *Introdução à Escrita Criativa*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- Nikolajeva, Maria, e Carole Scott. “The Dynamics of Picturebook communication”. *Children's Literature in Education*. 31.4: 225-239.
- Oates, Joyce Carol. *A Fé de um Escritor: Vida, Técnica, Arte*. Trad. Maria João Lourenço, Lisboa: Casa das Letras, 2008.

- Peixoto, José Luís, e Daniel Silvestre da Silva. *A Mãe Que Chovia*. Lisboa: Quetzal, 2012.
- Queirós, Eça. *Cartas de Inglaterra 1845-1900*. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1945.
- Ramos, Ana Margarida. *Livros de Palmo e Meio: Reflexões sobre Literatura para a Infância*. Alfragide: Caminho, 2007.
- . “Uma década de produção literária para a infância”. *Solta Palavra* 17 (julho 2011).
- Silva, Sara Reis. “Álvaro Magalhães”. Visitado: 20 nov. 2012. www.casadaleitura.org: 1-7.
- Zink, Rui. “Escrever para Crianças”. *Revista Efabul@ções* (dezembro 2008): 7-12.

Resumo: Hoje em dia a literatura infantil portuguesa percorre caminhos de grande inovação, experimentalismo e qualidade, estando ao nível da de outros países. Assim, tem resistido a um contexto de crise económica e desinvestimento cultural, em que o equilíbrio entre a dimensão ética e pedagógica da literatura infantil, por um lado, e a vertente comercial, por outro, é sempre mais ténue. Tal se deve a três diferentes gerações de escritores e a ilustradores de reconhecido mérito, que, conjuntamente, dignificam a atual literatura para os mais novos.

Abstract: Nowadays Portuguese children’s literature is making its way towards great innovation, experimentalism and quality, being side by side with the literature from abroad. Thus, it has resisted to a context of economic crisis and cultural disinvestment, in which the balance between the ethic and pedagogic dimension on the one hand, and the economic aspect on the other, is always weaker. We owe that to three different generations of writers and to well-reputed illustrators, who together dignify today’s literature for young children.